

# HISTÓRIA ANTIGA

## OS CUIDADOS COM O CORPO E A EXPOSIÇÃO DO CORPO GROTESCO EM ATENAS DO V SÉCULO a.C.\*

*Alexandre Carneiro Cerqueira Lima\*\**

### Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir os costumes e os cuidados dos atenienses com os aspectos corporais, bem como compreender as transgressões às normas de conduta do corpo durante práticas festivas (simpósio e *kômos*).

Palavras-chave: Corpo; Simpósio; *Kômos*; Atenas; Grécia.

Nossa pesquisa visa compreender o fenômeno do carnaval (idealizado por Mikhail Bakhtin) nas práticas festivas do simpósio e do *kômos* em Atenas do V século a. C.

Deste modo compreendemos que durante o carnaval ocorre a quebra das normas e regras valorizadas pela sociedade da *pólis* ateniense. Assim, os atenienses iam aos banquetes privados, nas casas de seus amigos, com o intuito de suavizar as pressões sociais. O banquete dividia-se em duas fases: a primeira consistia no consumo de alimentos sólidos, ou seja, o jantar (*deipnon*); a segunda, inaugurada a partir das libações aos deuses, caracterizava-se pela absorção de vinho (simpósio). É esta fase que nos interessa, é aquela após o simpósio (reunião de bebedores),

---

\* Este artigo é uma parte da pesquisa que estamos desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação em História Social e no LHIA da UFRJ.

\*\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ (LHIA).

quando os convivas podiam sair do *oikos* para as ruas de Atenas em uma procissão, chamada *kômos*.

Durante o simpósio podiam aparecer conflitos no interior do grupo que banqueteava e estes conflitos estendiam-se à coletividade *poliade*. O simpósio de Filocléon de *As Vespas*, de Aristófanes, e o de Alcibiades em *O Banquete* de Platão são exemplos disso. Nos textos vemos os aristocratas envolvendo-se nos escândalos das Profanações dos Mistérios e da destruição das Hermas em 415 a. C. Estes aristocratas em seus simpósios não respeitaram a religião da *pólis* e, em suas procissões, mutilaram estátuas de Hermes, símbolo religioso e político do regime democrático de Atenas. Assim, fica clara a suspensão momentânea das leis e normas valoradas pela sociedade nestas práticas festivas. Este artigo, então, pretende discutir a transgressão das práticas de cuidado e exposição do corpo durante o carnaval, além de analisar, com base em textos, como aparece o corpo durante a suspensão das regras sociais.

## 1 - O corpo nos *Tratados Hipocráticos* e em Platão

Inicialmente devemos compreender a noção de corpo entre os textos considerados como normativos entre os atenienses do V século a.C. No tratado hipocrático *Sobre a Dieta* (32-35), entende-se que o corpo (*sw'~ma*) tem em sua composição água e fogo. Da combinação dos vários tipos de água e de fogo (por exemplo, fogo mais úmido e água mais seca) se obterá um tipo de corpo, um tipo singular de organismo que sadio mantém os humores em equilíbrio e quando doente representa a desarmonia e o desequilíbrio, pela predominância ou pelo excesso de um dos humores. Para cada organismo o médico formula uma dieta específica (*δίαιτα*).

No tocante à relação corpo – alma, o texto apresenta a alma como a serviço do corpo desperto, pois a alma faz parte do corpo. A alma não é dona de si mesma, ela trabalha para diversas faculdades e sentidos do corpo: a visão, a audição, o tato, o paladar, as ações do corpo inteiro. Quando o corpo repousa, a alma fica desperta e, além de administrar seu próprio domínio, leva a cabo todas as atividades do corpo (*Tratados Hipocráticos. Sobre a Dieta, 86*).

Já Platão possui uma perspectiva diferente. A alma é superior ao corpo, governa-o (Platão. *Fédon*.79e-80b). O corpo é uma tumba que aprisiona a alma (Platão. *Górgias*.493a; *Fédon*.82e). Encontramos esta hierarquia da alma sobre o corpo em Sófocles. Os homens fortes são aqueles com grandeza de alma, e não de corpo (Sófocles. *Ajax*, vv. 1239-1293). A mesma noção apresenta-se na passagem de Édipo Rei, em que o tragediógrafo diz que seu protagonista está “murado em seu corpo” (Sófocles. *Édipo Rei*, vv.1382-1431).

A partir do VI século a. C. a figura humana se torna o elemento principal da cerâmica, período este em que Atenas se coloca em paridade com Corinto na produção de vasos. Durante o V século a. C. várias temáticas da vida cotidiana ateniense foram representadas pelos pintores do Cerâmico. Estes privilegiaram a representação do corpo em riqueza de detalhes: o estudo do movimento do corpo humano, a expressão dos olhos, a cabeleira, o vestuário e outros dados encontrados nos traços e figuras pintados nos diversos tipos de vasos (Pottier, s.d., p. 104). A perspectiva desenvolvida pelos pintores baseava-se nas proporções geométricas e na adequação destas proporções ao suporte cerâmico. A concepção de espaço e de forma está ligada aos princípios de limite e de centro que o suporte cerâmico apresenta em sua superfície côncava e convexa. Sendo assim, o pintor, concebendo em sua totalidade a mensagem que deseja transmitir, se apóia nos princípios de harmonia, de equilíbrio e de proporção, que são considerados como bons e belos.

## 2 - Os cuidados com o corpo

Os hipocráticos estavam de acordo que para se ter um corpo sadio devia-se praticar a moderação. Logo, uma dieta bem estruturada e exercícios proporcionariam equilíbrio e saúde ao corpo, mantendo em relação à higiene do corpo o conceito de justa medida, ou seja, harmonia e nada de excesso.

Alguns alimentos podem ou não constar na dieta (διναιτα – regime, dieta, maneira de viver) para se ter um corpo sadio e belo. Por exemplo: “O leite é alimento para quem tem por natureza o leite como alimento, e para outros não; para alguns o vinho os alimenta e a outros não (...)” (Tratados Hipocráticos. *Sobre o Alimento*, 33). “A ingestão de

alimentos complexos e desiguais é nocivo ao organismo” (Tratados Hipocráticos. *Sobre los Flatos*, 7).

Platão entende que tanto o homem quanto a mulher devem tomar cuidados pertinentes à saúde do corpo. Em relação à alimentação, o filósofo ensina que se deve fazer uma dieta mais apurada e abster-se de condimentos (Platão. *República*, III, 404c), bem como afastar-se de manjares nocivos ao corpo, e praticar a temperança (*República*, VIII, 559b-d).

A embriaguez é criticada por Platão (*República*, III.403e). Beber moderadamente é sinal de passar uma vida em paz, de uma vida comedida (*República*, II.372d). Todo o excesso é reprimido.

### **3 - O papel transgressor do corpo durante a carnavalização do simpósio e do *kômos***

Tanto o banquete privado quanto o *kômos* – procissão que percorre a pólis de Atenas – adequam-se ao conceito de carnaval, proposto por M. Bakhtin. Segundo este autor, durante o carnaval todas as barreiras, todas as distinções hierárquicas e normas são temporariamente suspensas (Bakhtin, 1993, p. 7). Podemos utilizar este conceito para a antiguidade grega visto que as práticas sociais eram norteadas pela relação estreita com um padrão rigoroso de obediência aos limites, ao equilíbrio, à harmonia e à ordem.

Para Platão o banquete está ligado aos prazeres da juventude e um desses prazeres, o amor, pode dominar um jovem, fazê-lo escravo (dou-λοζ) (*República*, I, 329c). Um homem temperante deve procurar o amor verdadeiro, moderado e harmonioso e se afastar do amor que vicia (*República*, III, 403a). O homem que queira estar em equilíbrio deve afastar-se do convívio das *hetairas* (*República*, III, 404d). A moderação para os mortais é uma virtude, assim sendo os homens devem fugir dos excessos (Eurípides. *Medéia*, vv.125-130), pois os deuses amam a medida e detestam os corações pervertidos (Sófocles. *Ajax*, vv.122-171). Fica claro nos textos o poder de coerção da sociedade para aqueles que transgridem os padrões comportamentais valorizados pela *pólis*.

A educação que mais contribuiria para a formação de um homem temperante seria aquela pautada na ginástica, para o corpo, e na música,

para a alma (Platão. *República*, II, 376e). A temperança é de fundamental importância para a formação de um jovem, pois este deve ser senhor de si em relação aos prazeres do comer, do beber e dos atributos de Afrodite (*República*, III, 389d-e). Platão planeja uma hierarquia na educação dos jovens. A música vem em primeiro lugar, pois o ritmo e a harmonia penetram mais fundo na alma. Logo em seguida vem a ginástica, visto que uma alma boa permite ao corpo ser bom, mas a recíproca para Platão não é a mesma (*República*, III, 401d; 403c-d). O filósofo procura demonstrar que o melhor tipo de exercício é a ginástica moderada, juntamente com a música moderada (Platão. *República*. III, 404b). Platão reprova aqueles que se entregam somente à ginástica, ao culto do corpo e também aos que se interessam exclusivamente pela alma. O cidadão virtuoso é aquele que consegue controlar as relações entre o corpo e a alma.

O jovem embriagado possuído pelas paixões e dominado pela loucura dionisiaca fará de tudo para alimentar seus prazeres, pedirá empréstimos, roubará, fraudará e lesará o patrimônio do pai. Platão nos fornece uma imagem de um jovem que faz tudo para saciar seus desejos (*República*, IX, 573a-574e). A loucura varre da alma a temperança e com isso surgem os conflitos, pois a temperança dá aos homens a concórdia e a harmonia (*República*, IV, 431e-432<sup>a</sup>). Segundo Platão, o máximo dos males é a intemperança (*Górgias*, 477e). Isso tudo nos remete à imagem de que o simpósio é uma prova de temperança (Foucault, 1984, p. 70-1). No *Banquete*, de Xenofonte, Autolychos é o exemplo de um jovem temperante, pois não cede a nenhum prazer durante o simpósio (Xenofonte. *Banquete*, VIII, 8). Autolychos pertence ao espaço do selvagem, pois é um jovem e sua conduta no simpósio (vista aqui como prova de temperança) denota que ele está se afastando do universo desregado da *phýsis* e aprendendo a se comportar no mundo da cultura.

O filósofo Sócrates é exemplo de virtude e de temperança nos tratados de Platão e de Xenofonte. Este último afirma que seu mestre era o homem menos escravo dos apetites do corpo e que durante toda a sua vida esteve afastado das riquezas além de não cobrar por seus ensinamentos (Xenofonte. *Apologia de Sócrates*. II, 16.23).

Tanto em Aristófanes, *As Vespas*, quanto em Platão, *Banquete*, percebemos que os convivas (συμπωνής) se arrumavam, faziam a higiene

de seus corpos (banho e corte de cabelo) para comparecerem aos simpósios. Bdelicleão faz com que seu pai vista uma túnica de lã e sandálias espartanas (Aristófanes. *As Vespas*, vv.1125-1165). Sócrates banhou-se e calçou sandálias para ir ao banquete (deipnon) de Agatão (Platão. *Banquete*, 174a). Os textos, que eram lidos em voz alta, iam reproduzindo os valores *poliades* e reforçavam os padrões culturais.

O porte, o andar e o bom comportamento durante o banquete (a etiqueta) são valorizados e seguidos, mas após o banquete há a passagem para a segunda parte da festa: o simpósio, ou seja, consumo de vinho. É instaurado, então, o tempo do carnaval, em que ocorre a transformação do corpo dos convivas e de suas *hetairas* em corpo grotesco. Para Bakhtin o principal traço característico do grotesco é a metamorfose (morte/nascimento) (Bakhtin, 1993, p. 22). Nos vasos pintados, em que aparecem imagens de simpósio e de *kômos*, percebemos que o corpo grotesco está ligado à fertilidade e à desproporção das formas. O diálogo com a Antropologia Social feito por José Carlos Rodrigues nos mostra que durante o carnaval ocorrem transgressões às práticas de exposição do corpo impostas pela sociedade de uma dada época (Rodrigues, 1983, p. 116).

Todos estes elementos, corpo grotesco e a própria exposição do baixo corporal, podem ser analisados nas imagens de simpósio e de *kômos* na cerâmica ática de figuras vermelhas.

Ao analisarmos este *corpus* de trinta imagens, observamos a transformação do corpo da *medida poliade* em corpo *carnealizado*.

A partir da cabeça podemos identificar se um conviva é jovem (possui cabelo e é imberbe) ou velho (calvo e barbado). Através da cabeça saberemos se a pessoa representada (conviva ou *hetaira*) está sob efeito da loucura ( $\mu\eta\eta\iota\nu\sigma$ ), da êxtase dionisíaca (cabeça e mãos jogados para trás) (Eurípides. *As Bacantes*, vv.1120-1125).

Os olhos são a chama da vida (Xenofonte. *Memoráveis*, X, 7). Olhos revirados significam que aquele corpo está dominado pelos efeitos do licor de Dionisos; um corpo sem o domínio de si é escravo dos prazeres. Claude Calame sugere a análise imagética através do jogo de olhares entre os personagens da cerâmica grega (Calame, 1986, cap.V). Para ele, o olhar frontal é a chamada direta para os receptores que observam o vaso; o olhar de 3/4 significa que o personagem se comunica com os demais personagens figurados e também com o receptor; e, por

fim, o olhar de perfil – comunicação interna entre os personagens da cena pintada.

A boca é outro elemento importante, pois através dela há a ingestão das iguarias e da bebida. Bakhtin explica que a boca escancarada possui uma imagem ambivalente de morte e de destruição; a boca é a porta aberta que conduz ao baixo, aos *infernos corporais* (Bakhtin, 1993, p. 284). Durante o simpósio a língua dos convivas *fica solta* (Sófocles. *Édipo Rei*, vv.754-800). Os excessos da comilança e da embriaguez foram captados pelos pintores nas cenas em que os convivas, ajudados por escravos e *hetairas*, vomitam em grandes vasos.

Durante a carnavalização do simpósio, as mãos são enfocadas, pois são elas que seguram as taças, são elas que jogam o *cótabo* e são elas que tocam a lira e o *aulós*. Durante o *kômos* os convivas também tocam *crótalos*.

Durante o *kômos*, os pés e as pernas dos *foliões* são as partes corporais que se destacam, pois durante a procissão, os *komastas* dançam e equilibram ânforas em seus pés. Dionisos é a divindade que salta e pula, tal como fez Filocléon em seu *kômos* (Aristófanes. *As Vespas*, vv. 1510-1515). A dança é a transformação das noções de tempo e de espaço, abrindo-se as portas para outra realidade (Muriel, 1990, p.59).

O *baixo corporal* – a zona dos órgãos genitais – é o baixo que fecunda e dá à luz. A imagem do grotesco está presente na teoria de Bakhtin; seu primeiro traço característico é a metamorfose (morte/nascimento). “Seu segundo traço indispensável (...) é sua ambivalência: os dois pólos da mudança – o antigo e o novo, o que morre e o que nasce, o princípio e o fim da metamorfose (...)” (Bakhtin, 1993, p. 22).

A imagética nos vasos referentes ao simpósio possui um repertório considerável de cenas em que aparece o órgão genital masculino com grande destaque. Os pintores não representaram a genitália feminina nas práticas do *simpósio-kômos*. Aline Rousselle nos diz que a vagina era uma zona corporal misteriosa na Antigüidade, visto que os médicos não podiam realizar estudos aprofundados sobre a anatomia feminina (Rousselle, 1984, p.41).

No decorrer da carnavalização do simpósio e do *kômos*, percebemos uma maneira peculiar dos pintores em representar o corpo. Tanto homens quanto mulheres – *hetairas* – são apresentados despidos. Logicamente, eles se viam desnudados, como podemos constatar em

algumas cenas, mas sabemos que o simpósio era uma prática festiva privada própria para a descontração e a diluição das regras. No *kômos* os pintores não representaram as *hetairas* nuas, mas, em *As Vespas*, Filocléon carrega uma *hetaira* sem roupas durante o *kômos* (Aristófanes. *As Vespas*, vv. 1320-1325). Parece-nos, pois, que em nenhuma outra temática pintada pelos artistas do Cerâmico, homens e mulheres eram representados despidos coletivamente.<sup>1</sup> Uma explicação, para tal fenômeno, talvez seja a inversão da ordem, que ocorre durante a carnavalização do simpósio, manifestação esta que ocorre no período noturno, na ausência do sol (Hélios), do olho que tudo vê. A absorção de vinho cria uma permissividade carnavalesca, levando homens e mulheres a se despir e sair pelas ruas expondo seus corpos aos demais habitantes da *pólis*. Mas esta embriaguez é uma escolha do próprio homem, é ele quem decide se bebe e o quanto deve beber. Em resumo: os convivas ficam descalços, despidos, misturam alimentos e bebidas nocivos à saúde, urinam, defecam e vomitam. Eles estão dominados pelos excessos, são escravos dos prazeres e transgridem todas as normas de conduta do corpo e de dieta. São homens que têm nestas práticas espaço para descontração das coerções sócio-políticas.

#### 4 - O corpo como crítica política

Aristófanes, em *As Vespas*, faz uma forte crítica ao político ateniense Cléon utilizando seu personagem Filocléon (amigo de Cléon). Para o comediógrafo seu protagonista não possui o domínio de si (*swfrosuvnh*), é um conviva intemperante e sem modos. Assim, Aristófanes ridiculariza o demagogo ateniense partindo de uma crítica ao domínio das paixões e ao tratamento que a pessoa dá ao seu próprio corpo.

Os dois políticos mais atacados por Aristófanes são Cléon e Hipérbolo (Aristófanes. *As Nuvens*, vv. 550-560; *Cavaleiros*, v.735). Cléon é um curtidor e Hipérbolo um fabricante de lamparinas. As ocupações de artesãos, comerciantes e outros trabalhos manuais em geral eram mal vistos pelos antigos (Xenofonte. *Econômico*, IV, 1-3). O trabalho na terra e a riqueza dela oriunda são vistos como um bem. Deste modo, entendemos que o comediógrafo não admitia que pessoas

ligadas aos ofícios manuais galgassem altos cargos na democracia ateniense.

O político Cléon, em *Cavaleiros*, está embriagado, ronca e peida num simpósio (Aristófanes. *Cavaleiros*, vv. 110-115). Aristófanes e Tucídides se posicionam contrariamente à atuação política de Cléon. Este era a favor da guerra entre atenienses e espartanos (Aristófanes. *A Paz*, vv. 215-220; Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*, IV, 21-22). A imagem de Cléon como um mau político permaneceu entre alguns grupos atenienses (Aristóteles. *Constituição de Atenas*, XXVIII, 3).

Hipérbolos foi outro demagogo que sofreu uma forte oposição dos grupos oligárquicos. Chegou a ser chamado de filho de escravo, por Andócides (Andócides. frag. III, 5). Vemos aqui, então, o confronto pelo poder entre estas *hetaireías* (grupos políticos que se reuniam nos simpósios). De um lado as democráticas lideradas por Hipérbolos e do outro as *hetaireías* oligárquicas lideradas por Alcibiades e Nícias. Os *ostraka* provam que ele era um cidadão filho de cidadão ateniense (Roobaert, s.d., p. 526) e Tucídides dá uma adjetivação a Hipérbolos muito próxima daquela dada por Aristófanes. Este qualifica o demagogo de cidadão desonesto (*mokhthèros politès*). Já o historiador o chama de homem desonesto (*mokhthèros anthropos*) (Brun, 1987, p. 183-84).

Assim, estes grupos estão em constante rivalidade, principalmente após a morte de Péricles, como salienta J. de Romilly em sua leitura sobre a obra de Tucídides (Romilly, 1995, p. 78). Mas, segundo ela, estas lutas políticas não são em prol da comunidade *poliade*, e sim em proveito próprio.

Se observarmos os líderes das *hetaireías* dos oligarcas, podemos tomar como exemplo Alcibiades. Este já é qualificado de bebedão em Êupolis. O comediógrafo diz que ele bebia já pela manhã (Carrière, 1979, Eupolis, frag. 351 K). Platão irá desqualificar totalmente a conduta de Alcibiades no simpósio. O jovem aristocrata chega ao banquete excessivamente bêbedo e desordena a reunião. Desta forma Platão identifica Alcibiades como um intemperante, sem domínio de si, em relação aos prazeres da bebida e do amor (Alcibiades quer ser amado por Sócrates, amar o corpo e não a alma) (Platão. *Banquete*, 213 d). Alcibiades encarna a juventude aristocrática de Atenas criticada por Platão, juventude esta que se entrega às paixões (*República*, VIII, 561

b-d). Como salienta Romilly, a juventude não é amiga da ordem (Romilly, 1995, p. 35).

No entanto devemos ponderar sobre um ponto acerca da juventude de Alcibiades. Romilly ressalta que, na época do simpósio a que se refere Platão (fins do V século a.C.), Alcibiades tinha 36 anos de idade, ou seja, já era um adulto. Platão quer mostrar que Alcibiades estava com Sócrates somente no período de sua juventude (Alcibiades, jovem, ambição *versus* Sócrates, velho, justiça) (Romilly, 1995, p. 243). Assim, Sócrates não teria responsabilidade em relação às ações de Alcibiades para a *pólis* ateniense, como foi acusado o filósofo. Xenofonte também desvincula Crítias (que foi um dos Trinta Tiranos) dos ensinamentos de Sócrates. Em *Memoráveis*, Xenofonte qualifica Crítias como um escravo dos prazeres, pois queria se esfregar “como um porco em Eutidemo” (Xenofonte. *Memoráveis*, I, Cap. II, 27-32). Crítias e Alcibiades são, assim, antimodelos de cidadãos. Já Sócrates é um modelo de temperança e virtude nos tratados de Platão e Xenofonte. Este último afirma que seu mestre era o homem menos escravo dos apetites do corpo (Xenofonte. *Apologia de Sócrates*, 16-17). Por outro lado, Sócrates só comia o suficiente para saciar sua fome e bebia o suficiente para matar a sede (Xenofonte. *Memoráveis*, I, Cap. III, 5-9). Sócrates tinha sua família, esposa e filhos, e amava os jovens pelas suas ações, amando suas almas (Xenofonte. *Banquete*, VIII, 12). O velho filósofo exercitava seu corpo e sua mente moderadamente (Xenofonte. *Memoráveis*, I, Cap. VI, 7-8). Sócrates, portanto, era o padrão de medida e temperança nos tratados de Platão e de Xenofonte.

O simpósio é o *locus* da desmedida e de inversões. O carnaval no espaço privado é permitido. Percebemos a transgressão da conduta corporal durante o tempo das inversões no banquete. Já no *kômos* certas atitudes e desmedidas são repreendidas pela sociedade, mas, mesmo assim, a temperança (*sophrosýne*) era uma virtude a ser almejada no simpósio. Aqueles que se entregam aos prazeres, à inversão da ordem podem ser alvos de críticas, principalmente aqueles vinculados à política ateniense na segunda metade do V século a. C.

Concluimos, então, que a sociedade ateniense poliade do V século a.C. possuía suas normas ligadas à apresentação do corpo e de seu comportamento. Em contrapartida, percebemos as transgressões a essas normas durante as práticas festivas carnavalescas, tais como o simpósio e o *kômos*. E através da conduta desmedida do corpo nestas práticas

festivas são formuladas críticas a grupos políticos (*hetaireías*) rivais na *pólis* ateniense na segunda metade do V século a.C., denotando-se as preferências políticas e os conflitos gerados pelas facções oligárquicas e democráticas.

### **Abstract**

The objective of this article is to analyse the care that athenians had with their bodies and the bodies' transformation in grotesque at the symposion and *kómos*.

Palavras-chave: Body; Symposion; Komos; Greece.

### **Agradecimentos**

*Gostariamos de agradecer à orientação da Profa. Dra. Neyde Theml, ao incentivo e apoio da Profa. Ana Teresa Marques Gonçalves em todos estes anos e à CAPES pelo financiamento da pesquisa.*

### **Nota**

1 Nas cenas de jogos olímpicos, os atletas aparecem despidos, mas constatamos que não há a presença de mulheres, nas cenas analisadas.

### **Documentação Textual**

- ANDOCIDE. *Discours*. Trad. Georges Dalmeyda. Paris: Les Belles Lettres, 1986.
- ARISTOPHANE. *Les Guêpes, Les Nuages*. Tomes I et II. Trad. Van Daele. Paris: Les Belles Lettres, 1960.
- ARISTOTELES. *Constituição de Atenas*. Trad. F.M. Pires. São Paulo: Hucitec, 1995.
- EURÍPIDES. *As Bacantes*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Hucitec, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Medéia*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Hucitec, 1995.
- PLATON. *Le Banquet*. Trad. Léon Robin. Paris: Les Belles Lettres, 1992.
- \_\_\_\_\_. *La République*. Tomes VI, VII et VIII. Trad. Émile Chambry. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

- \_\_\_\_\_. *Gorgias*. Trad. Alfred Croiset. Paris: Les Belles Lettres, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Phédon*. Trad. Émile Chambry. Paris: Flammarion, 1965.
- SOPHOCLE. *Théâtre Complet*. Trad. Robert Pignarre. Paris: Garniers Frères, 1964.
- TRATADOS HIPOCRÁTICOS. *Sobre la dieta. Sobre el alimento. Sobre los flatos*. Madrid: Gredos, 1986
- XÉNOPHON. *Le Banquet, apologie de Socrate*. Trad. François Ollier. Paris: Les Belles Lettres, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Économique*. Trad. Pierre Chantraine. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*. Trad. Líbero R. de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

### Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, Brasília (DF): Edunb, 1993.
- BRUN, P. Hyperbolos. La création d'une "Légende Noire". *Dialogues d'Histoire Ancienne 13*. Paris: Les Belles Lettres, 1987.
- CALAME, C. *Le récit en Grèce Ancienne: enociations et representations de poètes*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1986.
- CARRIERE, J. C. *Le carnaval et la politique*. Paris: Les Belles Lettres, 1979.
- MURIEL, Carlos Espejo. *Grecia: sobre los ritos y las fiestas*. Granada: Universidad de Granada, 1990.
- POTTIER, Edmond. *Douris et les peintres de vases grecs*. Paris: Henri Laurens, s.d.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- ROMILLY, J. *Alcibiade ou les dangers de l'ambition*. Paris: Éditions de Fallois, 1995.
- ROOBAERT, A. L'Apport des Ostraka à l'étude de l'ostracisme d'Hyperbolos. *L'Antiquité Classique*. Tome XXXVI. Bruxelles, s.d.
- ROUSSELLE, Aline. *Pornéia: sexualidade e amor no mundo antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.